

CAPITALISMO TARDIO COMO INTERPRETAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO CAPITALISTA NA PERIFERIA

*André Bologna de Castro Cardoso*¹
Mestrando em Economia Política pela PUC-SP

andre.bccardoso@yahoo.com.br

Resumo

A hipótese do Capitalismo Tardio, tal como apresentada por autores da chamada Escola de Campinas – UNICAMP – trouxe uma nova interpretação para o desenvolvimento econômico nos países periféricos, colocando a problemática na transição de uma economia exportadora capitalista até o pleno desenvolvimento de forças capitalista que permitissem a autodeterminação do capital. O intuito do artigo é apresentar a ideia do capitalismo tardio como uma forma de interpretar o desenvolvimento capitalista em países periféricos com o intuito de contribuir e ampliar o debate sobre essa questão.

Late Capitalism as an interpretation of economic development in peripheral countries

Abstract

The hypothesis of Late Capitalism, as proposed by authors of the so-called Campinas School - UNICAMP - brought a new interpretation for economic development in the peripheral countries, placing a problematic in the transition from a capitalist export economy to the full development of capitalist forces that a self-determination of capital. The purpose of this article is to present an idea of late capitalism as a way of interpreting capitalist development in peripheral countries in order to contribute to and broaden the debate on this issue.

Palavras-chave: desenvolvimento econômico; desenvolvimento econômico no Brasil e América Latina no século XX; CEPAL; Escola de Campinas (Unicamp); capitalismo tardio

Keywords: economic development; economics development in Brazil and Latin America in twentieth century; CEPAL; Campinas School (Unicamp); late capitlaism

¹ Mestrando em Economia Política pela PUC-SP.



Capitalismo Tardio Como Interpretação Para O Desenvolvimento Capitalista Na Periferia – André Bologna de Castro Cardoso

Introdução

A chamada Escola de Campinas (Unicamp) é uma das escolas de excelência em termos de produção acadêmica e de debate sobre o desenvolvimento econômico brasileiro e periférico. Seus principais autores estão Luiz Gonzaga Belluzzo, Maria da Conceição Tavares, Carlos Lessa, João Manuel Cardoso de Mello, dentre outros. Dentro de debate econômico brasileiro e latino-americano sobre desenvolvimento de países periféricos, esses autores constituíram uma forma singular e interpretação própria sobre os condicionantes e limitações do desenvolvimento econômico.

Chamamos aqui de hipótese do Capitalismo Tardio² a ideia de que o desenvolvimento econômico de países periféricos está diretamente relacionado com determinados condicionantes específicos, tanto no seu ponto de partida quanto no momento histórico em que se insere o processo de industrialização desses países³.

O ponto fundamental, a nosso entender, da tese do Capitalismo Tardio é mudar o enfoque da problemática da industrialização capitalista na periferia do cenário externo, das relações dependência com o Centro, tal como preconizado na CEPAL, para o cenário interno, para as dificuldades se implementar forças produtivas capitalistas que permitiriam a autodeterminação do capital⁴.

A CEPAL, segundo Mello (2009, p.78) teria como ponto de partida a problemática da industrialização periférica, de modo que ela estaria na oposição entre pleno desenvolvimento da Nação e uma determinada divisão internacional do trabalho, a qual tornaria países periféricos dependentes. Desse modo, a questão central estaria no “*setor externo, nos sucessivos ajustes entre as estruturas de oferta e demanda globais, no desafio do estrangulamento externo a que a Nação responde com crescimento industrial externo*” (ibid).

² Não confundir com Capitalismo Tardio de Ernest Mandel, o qual se refere à discussão sobre o capitalismo pós-1945 em uma perspectiva marxista. Aqui, Capitalismo Tardio é entendido como a problemática de se desenvolver capitalismo de modo pleno em países periféricos

³ Dentro da literatura sobre desenvolvimento econômico, não encontramos quase nenhuma referência que sistematize o capitalismo tardio como uma forma de interpretação do desenvolvimento de países periféricos. A única sistematização sobre capitalismo foi dada por Sampaio Júnior (1999) ao fazer a crítica dessa ideia

⁴ Autodeterminação do capital aqui entendida como a possibilidade de valorizar o capital sem obstáculos externos – fora do sistema



Capitalismo Tardio Como Interpretação Para O Desenvolvimento Capitalista Na Periferia – André Bologna de Castro Cardoso

O foco é alterado, portanto, segundo esse mesmo autor, para entender a industrialização periférica como uma industrialização capitalista específica – a de um capitalismo retardatário.

Nós, ao contrário, partiremos do silêncio do paradigma cepalino: pensaremos a industrialização latino-americano como uma industrialização capitalista; mais ainda, como uma determinada industrialização capitalista: uma industrialização retardatária (Mello, 2009, p.78)

Dessa forma, não é a problemática da dependência externa o elemento principal para se pensar a industrialização periférica, mas o desenvolvimento de forças produtivas capitalistas realizadas endogenamente. Dentro do contexto de economias exportadoras capitalistas, a inexistência de um setor de bens de produção e de capitais inviabilizava a autodeterminação do capital, abrindo um período de transição entre esse tipo de economia e o pleno desenvolvimento do capitalismo: *“A problemática da transição é a problemática da industrialização capitalista na América Latina, porque a revolução das forças produtivas, quer dizer, a industrialização, se dá sob dominação do capital”* (Mello, 2009, p.79)

O problema a que se coloca a analisar a tese do Capitalismo Tardio é a da transição de uma economia exportadora capitalista, na qual já se constituem forças capitalistas, como o trabalho assalariado, mas ainda não se desenvolveu um setor tipicamente capitalista, de bens de produção.

Segundo argumenta [João Manuel Cardoso de Mello] , o ponto é que, desde então, o modo de produção capitalista já é dominante; contudo, não logrou engendrar, a partir de sua formação, as condições para o desenvolvimento da dinâmica de acumulação tipicamente capitalista. Não se constituíram, portanto, as forças industriais necessárias para que a reprodução ampliada do capital estivesse assegurada endogenamente no país e, por isso, ainda que o modo de produção capitalista fosse dominante – devido à modernização das relações trabalhistas na economia cafeeira –, esse é ainda um momento de transição capitalista (Peres, 2009, p.69)

Foi no silêncio do exílio da ditadura militar brasileira que começava esse processo de questionamento sobre os condicionantes do desenvolvimento econômico em país periférico.



Capitalismo Tardio Como Interpretação Para O Desenvolvimento Capitalista Na Periferia – André Bologna de Castro Cardoso

Foi neste grande silêncio que pudemos escutar com maior clareza as vozes dos que tiveram a ousadia de pensar e dos que ainda teimavam em fazê-los, no exílio ou desterrados no meio do seu povo. Nesse sentido, o Capitalismo Tardio só é uma crítica legítima das reflexões de Raul Prebisch, Anibal Pinto, Celso Furtado, Fernando Henrique Cardoso, Maria da Conceição Tavares, enquanto reconhece a legitimidade das questões levantadas por esses autores (Belluzzo, 2009, prefácio à primeira edição).

O objetivo do presente artigo é sistematizar a ideia do capitalismo tardio como uma forma singular de interpretar o desenvolvimento econômico na periferia, colocando o foco na problemática da criação de forças tipicamente capitalistas, necessárias para a auto-reprodução do capital.

Discutir essa ideia do capitalismo tardio é fundamental para intensificar e ampliar o debate sobre desenvolvimento econômico para países periféricos como Brasil. Não só as contribuições dadas pelos autores que defendem a ideia do capitalismo tardio como as críticas são fundamentais para discutir limites e possibilidades para desenvolvimento econômico mais sustentado da economia brasileira e latino-americana.

Dissecar o pensamento do Capitalismo Tardio e suas implicações para pensar desenvolvimento capitalista não só no Brasil como nos países periféricos é tentar contribuir para ampliar o leque de debates em torno do que se pode fazer para que as economias periféricas consigam um dia sair do atraso em que ainda se encontram, diante de um cenário de intensificação tecnológica, com a chamada Quarta Revolução Industrial, e mesmo com a globalização.

Para conseguir mostrar como a ideia do capitalismo tardio é uma forma de interpretar o desenvolvimento capitalistas na periferia, e para sistematiza-lo de maneira adequada, nosso trabalho está dividido em três seções. A primeira apresenta uma síntese do processo de substituição de importações e seus limites, como apontado por Tavares (1978). A segunda desenvolvemos a questão do desenvolvimento das forças produtivas como central no capitalismo tardio. E na última, fazemos uma discussão sobre dependência e capital internacional dentro do capitalismo tardio.



Capitalismo Tardio Como Interpretação Para O Desenvolvimento Capitalista Na Periferia – André Bologna de Castro Cardoso

Capitalismo tardio como resposta aos limites do processo de substituição de importações

O processo de substituição de importações foi um elemento importante para a industrialização de países periféricos na América Latina. Diante da crise de 1929 e da II Guerra Mundial, alguns países se utilizaram desses choques externos para substituir as importações de bens mais essenciais – bens de consumo e alguns bens de capitais – para suprir a demanda interna (Cano, 2012, p.119).

A ideia era a de que processo de substituição de importações impulsionaria o crescimento industrial e permitiria aos países periféricos superarem suas condições de subdesenvolvimento:

Com uma economia primário exportadora e basicamente de monocultura ainda no início do século XX o Brasil, assim como os demais países subdesenvolvidos, passou a ver na industrialização a possibilidade de crescimento e de redução da distância que os separavam dos países centrais. A partir dos anos 30, o processo de industrialização sob o modelo de substituição de importações teve como objetivo superar as dualidades inerentes ao subdesenvolvimento periférico e que limitavam o crescimento (Avanci, 2015, p.2)

Tavares (1978, p.27-124) em seu clássico ensaio “Auge e declínio do processo de substituição de importações”, escrito em 1963, argumenta, como tese central, que o processo de substituição de importações é uma sucessão de respostas aos estrangulamentos externos pelos quais passam as economias periféricas, de modo que esses países vão alterando qualitativamente suas estruturas econômicas e se tornando menos dependente.

O processo de substituição de importação serviu como um estímulo ao desenvolvimento de indústrias para conter a demanda interna, diante de sérios estrangulamentos externos, nos quais os países periféricos não poderiam contar nem com as exportações e importações para os países centrais com a eclosão da Grande Depressão em 1929.

Acontece que, nos momentos iniciais, as importações de bens de consumo são sendo substituídos pela produção interna destes bens com o intuito de satisfazer a demanda interna. Com o avanço do processo, desenvolvimento desse setor de bens de consumo gera uma demanda derivada por bens de capital, o que só poderia se satisfazer às custas



Capitalismo Tardio Como Interpretação Para O Desenvolvimento Capitalista Na Periferia – André Bologna de Castro Cardoso

de importações (Tavares, 1978, p.117) causando problemas no balanço de pagamentos e aumentando o estrangulamento externo.

Entretanto, à medida que tal processo avançava, o estrangulamento externo tornava-se mais barreira do que variável indutora ao crescimento industrial, pois a pauta de importação tornava-se a cada dia mais rígida e necessitava de mercados mais amplos, a fim de sustentar investimentos de maior relação capital/produto e mais complexos (Fonseca e Salomão, 2017, p.96)

Após atingir um “auge”, ou uma fase tão avançada, em que resta importar bens de capital, pois o setor de bens de consumo atingira maturidade, este último setor deixa de ser o indutor do crescimento, tornando-se, ao contrário, um obstáculo ao próprio desenvolvimento (Tavares, 1978, p.117)

Mello (2009, p.76) coloca o mecanismo do processo de substituição de importações nas mesmas bases que Tavares. Segundo ele, a instituição de substituição de importações em resposta à crise de 1929, fez com que os preços relativos se alterassem em favor do setor industrial. O crescimento da demanda, advindo do incentivo ao setor industrial, pressiona a capacidade de importar, levando à uma nova rodada de substituição de importação. Conclui-se, assim, que:

Numa palavra, a industrialização por substituição de importações está assentada numa dinâmica contraditória em que sucessivos estrangulamentos externos promovem e, ao mesmo tempo, são promovidos pelo crescimento industrial interno (Mello, p.76)

Dessa forma, o processo de substituição de importações atingira anos 1960 – momento em que Tavares escreve esse artigo – seu auge, seu momento final. Essa análise de Tavares parece ser confirmada por Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto em “Dependência e Desenvolvimento”.

Os fatos, entretanto, tampouco neste caso parecem confirmar o otimismo inicial, pois o auge a que se chegou através do processo de substituição de importações seguiu, nos anos 1960, um período de estagnação relativa no qual continua submergida a economia brasileira (Cardoso e Faletto, 2011, p.21)

João Manuel Cardoso de Mello, também, coloca os anos 1960 como o momento de estagnação do processo de substituição de importações, sem ter cumprido com suas



Capitalismo Tardio Como Interpretação Para O Desenvolvimento Capitalista Na Periferia – André Bologna de Castro Cardoso

promessas de libertação nacional do Centro do capitalismo nem de reduzir a pobreza extrema:

E assim, chegamos aos meados da década de 60, quando a morte do movimento social nacional-desenvolvimentista ficou evidente. A industrialização ou se abortara, ou, quando tivera êxito, não trouxera consigo nem a libertação nacional, nem, muito menos, a liquidação da miséria (Mello, 2009, p.23)

Nesse sentido, seria necessário transitar para um novo modelo de desenvolvimento autônomo, no qual a própria acumulação capitalista seja endógena sem necessidade de depender de fatores externos.

O problema estratégico que se põe atualmente para a economia brasileira e sobre o qual se sobrepõem os demais problemas de curto prazo é o de que o processo de substituição de importações, enquanto modelo de desenvolvimento, já atingiu o seu estágio final e se apresenta a necessidade de transitar para um novo modelo de desenvolvimento, verdadeiramente autônomo (em que o impulso de desenvolvimento surja dentro do próprio sistema) e no qual os problemas de estrutura atrás apontados terão de ser considerados (Tavares, 1978, p.116)

O foco desse novo modelo estaria na problemática de constituir um setor de bens de produção necessário para que a acumulação de capital não esbarasse em constrangimentos externos, como balanço de pagamentos e capacidade de importações. Nesse sentido, altera-se o foco da problemática do desenvolvimento dos países periféricos da relação de dependência para com o centro do capitalismo (da relação centro-periferia) para a questão de constituir departamento de bens de produção.

Problemática e caracterização do capitalismo tardio

A industrialização é um processo fundamental dentro da economia capitalista em vistas do desenvolvimento forças produtivas especificamente capitalistas, de modo que acumulação de capital ocorra sem necessidade de instrumento extra-econômicos. Como aponta Oliveira (2003, p.64-66) A Grande Indústria, no processo de constante valorização



Capitalismo Tardio Como Interpretação Para O Desenvolvimento Capitalista Na Periferia – André Bologna de Castro Cardoso

do capital vai aumentando o ritmo das inovações tecnológicas e reduzindo o emprego qualificado – pois o homem se torna mero apêndice da máquina.

Dessa forma, com o aumento da superpopulação relativa – ou exército industrial de reserva – é o mercado de trabalho, diante do próprio movimento capitalista, que determina os salários, visto que a oferta de trabalho sempre estaria garantida, mesmo nos períodos de auge de crescimento, em que a elevação de salários seria contrabalanceada pelas introduções técnicas na produção (Oliveira, 2003, p.66). Os salários, portanto, através do mercado de trabalho, são regulados por mecanismos internos ao próprio movimento do capital e não mais por elementos extra-econômicos, como ação estatal:

Vemos, portanto, que a subordinação e o papel acessório do trabalho que apareceriam no processo de trabalho no capitalismo já constituído tornam a aparecer no movimento da reprodução ampliada do capital. Esse movimento não somente regulada os salários e o mercado de trabalho, mas, também, reproduz a classe dos trabalhadores assalariados: ou seja, a própria reprodução das relações de produção capitalista é garantida pelo movimento da acumulação de capital, não passando por formas de coerção extra-econômicas (Oliveira, 2003, p.67)

Para a acumulação do capital reproduzir a si mesma, de modo endógeno, é necessário o desenvolvimento de forças produtivas tipicamente capitalistas, atingindo o pleno desenvolvimento com a criação do departamento de bens de capital (Mello, 2009, p.79-80). A autodeterminação do capital em se valorizar pelas suas próprias forças, ou seja, de reproduzir as relações produtivas e sociais capitalistas de modo endógeno só ocorre quando a indústria de bens de capital está plenamente constituída, pois é nele que se encontram as bases para criação das inovações técnicas.

Deste ponto de vista, pensamos em constituição de forças produtivas capitalistas em termos de processo de criação das bases materiais do capitalismo. Quer dizer, em termos da constituição de um departamento de bens de produção capaz de permitir a autodeterminação do capital, vale dizer, de libertar a acumulação de quaisquer barreiras decorrentes da fragilidade da estrutura técnica do capital (Mello, 2009, p.80)

O capitalismo só pode atingir seu estágio avançado de desenvolvimento, quando há departamento de bens de capital capaz de criar e desenvolver inovações técnicas necessárias à produção. As inovações técnicas são fundamentais para valorização do capital e para subordinar o movimento dos salários à dinâmica capitalista.



Capitalismo Tardio Como Interpretação Para O Desenvolvimento Capitalista Na Periferia – André Bologna de Castro Cardoso

Como as inovações em D_1 são as determinantes, fica claro por que foi fixado o momento final do processo de constituição das forças produtivas capitalistas na constituição de D_1 que produza como grande indústria. Ou seja, somente a partir desse momento é que se tornam possíveis as constantes revoluções técnicas, imprimindo à acumulação um caráter especificamente capitalista. Nesse sentido, a existência de um departamento I, que opera como grande indústria, autonomiza o progresso técnico (Oliveira, 2003, p.69)

Nesse sentido, o problema da industrialização dos países na América Latina é específico e determinado, pois o ponto de partida são as economias primário-exportadoras capitalistas, e o momento histórico é do avanço do capitalismo monopolista.

É necessário convir que a industrialização capitalista na América Latina é específica e que sua especificidade está duplamente determinada: por seu ponto de partida, as economias exportadoras capitalistas nacionais, e por seu momento em que o capitalismo monopolista se torna dominante em escala mundial, isto é, em que a economia mundial capitalista já está construída. É a esta industrialização capitalista que chamamos de retardatária (Mello, 2009, p.80)

Segundo Mello (2009, p.83-86), a condição de economias exportadoras capitalistas, dependente da exportação de bens primários, como o café no Brasil, permitiu surgir forças capitalistas⁵, como o trabalho assalariado e criação de mercados, e esse próprio setor exportador, através de uma rentabilidade maior do que a necessária para colocar na produção dos bens primários, forneceu recursos para o início da constituição da indústria. Contudo, existe uma articulação contraditória entre setor primário exportador e a indústria:

As relações que se estabelecem entre o capital cafeeiro, que é predominantemente mercantil, e o capital industrial não são, portanto, unívocas como levam certas interpretações a crer em que ora o café estimula a indústria ora, ao contrário, a bloqueia. Penso que, como já tinha observado Sérgio Silva, há um modo de articulação contraditório entre as duas formas de capital, em que, se bem o capital cafeeiro dá nascimento e estimula a grande indústria, ao mesmo tempo impõe limites estreitos à acumulação industrial (ibid, p.85)

A economia primário-exportadora capitalista gesta as condições para a indústria nascer:

⁵ Mello (2009, p.81) coloca que a economia exportadora capitalista criou as condições para o nascimento do capital industrial, pois: 1) gerou massa de capital monetário, 2) transformou o trabalho em mercado – trabalho assalariado, e 3) criou um mercado interno.



Capitalismo Tardio Como Interpretação Para O Desenvolvimento Capitalista Na Periferia – André Bologna de Castro Cardoso

Nessa perspectiva, a economia primário-exportadora é não apenas o momento inaugural da fase da transição tardia mas também a base da qual se desenvolve a acumulação tipicamente capitalista, industrial. Com relação ao caso brasileiro, é neste momento e precisamente a partir do complexo exportador cafeeiro – único em que se estabeleceu um sistema de reprodução ampliada e em que, portanto, criou-se dinamismo para a diversificação interna – que se forma e consolida tal fração de capital (Peres, 2009, p.70)

Ainda segundo Cardoso de Mello (ibid, p.86), o capital industrial depende fundamentalmente do capital cafeeiro (ou do setor primário de exportação), tanto para geração de mercados quanto da capacidade de importar bens de produção gerada pela exportação de produtos primários. A independência do capital em se autovalorizar, de modo autônomo, é bloqueada pelo próprio setor primário exportador, visto que inexistente a criação de um setor de bens de capital para libertar as forças produtivas capitalistas. Isso é um dos entraves fundamentais do capitalismo retardatário ao mesmo tempo em que se gestam as condições para nascimento do capitalismo.

Outro problema específico das economias capitalistas retardatárias é o momento histórico do capitalismo. Essa fase do capitalismo monopolista da II Revolução Industrial, como aponta Hobsbawm (2006, p.81-82) teve como duas de suas características marcantes a Revolução Tecnológica e transformação da empresa capitalista.

A ciência sendo aplicada à produção permitiu constituir novas indústrias mais revolucionárias, como a elétrica, química e etc (ibid, p.81). As empresas, ainda conforme explicação de Hobsbawm, elevaram sua escala de produção, cuja consequência foi o aumento da concentração de capital e o advento da grande empresa capitalista. Além do mais, as próprias empresas começaram a se utilizar de técnicas científicas na produção e na administração, deixando de lado as práticas rudimentares das pequenas empresas familiares.

A elevada escala de produção, juntamente com a utilização de métodos mais sofisticados de produção e administração levou não só a criação da grande empresa, como ao movimento de centralização de capital, em que as grandes empresas começaram a liquidar as pequenas. Torna-se, imperativo para o desenvolvimento capitalista, portanto, a formação de grandes empresas com elevadas escalas de produção.



Capitalismo Tardio Como Interpretação Para O Desenvolvimento Capitalista Na Periferia – André Bologna de Castro Cardoso

O progressivo aumento das escalas de produção exigia gigantescos montantes de capital centralizados para que novos investimentos pudessem ser realizados, e começava a se tornar-se remota a possibilidade de formação de novos capitais individuais que concorrem com os capitais já em função (Alonso, 2003, p.237)

A fase do capitalismo monopolista impunha, portanto, não só avanços tecnológicos profundos, como escalas mínimas de produção só realizáveis através de grandes empresas monopolistas. É nesse cenário de completa transações no capitalismo mundial que as economias latino-americanas começaram seus primeiros passos rumo à industrialização em meados de 1890 até iniciar processo mais fortemente em 1930.

A problemática do capitalismo tardio é, justamente, essa de como desenvolver forças produtivas capitalistas em países periféricos, diante de todas essas dificuldades apresentadas não só pelo momento histórico, como pelas características dessas economias:

Vê-se, imediatamente, que se apresentam problemas praticamente insolúveis de mobilização e concentração de capitais e que os riscos do investimento numa economia como a brasileira, onde o capitalismo apenas engatinhava, se tornam extraordinários. Finalmente, o que não é menos importante, a tecnologia da indústria pesada, além de extremamente complexa, não estava disponível no mercado, num momento em que toda sorte de restrições se estabelece num mundo que assiste a uma furiosa concorrência, entre poderosos capitalisms nacionais (Mello, 2009, p.84)

Como aponta Plinio de Arruda Sampaio Júnior., ainda que em uma perspectiva crítica, o ponto fundamental do que se constitui como capitalismo tardio é a ideia de que compreender os processos que internalização da acumulação de capital, através da instalação do departamento de bens produção e suas principais dificuldades:

O novo enfoque consiste, essencialmente, em desvendar os processos que explicam a internalização de mecanismos de acumulação de capital, cujo ponto culminante é a constituição de um departamento produtor de bens de produção. No momento final da industrialização retardatária, o grande desafio das economias retardatárias é superar as discontinuidades técnicas e financeiras que obstaculizam o salto para a industrialização pesada (Sampaio Júnior, 1999, p.45)

Dessa forma, o problema central proposto pela noção de capitalismo tardio é mudar o enfoque tradicional de problemas do desenvolvimento da relação interna-externa, tal



Capitalismo Tardio Como Interpretação Para O Desenvolvimento Capitalista Na Periferia – André Bologna de Castro Cardoso

como proposto pelo pensamento clássico da CEPAL, para a constituição de forças produtivas capitalista internas.

A dinâmica “externa-interna”, tal como havia nesse approach [da CEPAL], precisava ser revista, fazendo-se necessário recorrer a um marco teórico cuja ênfase residisse no processo de formação dos departamentos de bens de capital e de consumo na economia brasileira (D1 e D2 de Marx), o qual, uma vez concluído, constituiria um padrão endógeno de acumulação de capital (Fonseca e Salomão, 2017, p.97)

O pleno desenvolvimento do capitalismo em países retardatários, portanto, é problematizado em termos do desenvolvimento de um setor de bens de capital que permitisse a autodeterminação do capital. Como apontam Fonseca e Salomão (ibid, p.98) esse novo enfoque trouxe três mudanças fundamentais em relação às teses cepalinas. A primeira seria que a causa da estagnação econômica não está no subconsumo ou nas elevadas relações técnicas com trabalho dos investimentos novos realizados no processo de substituição de importações. O problema está no montante de investimentos, o qual por ultrapassar a demanda corrente, em decorrência da maior escala de produção, superaria à demanda, proporcionando capacidade ociosa.

Em segundo plano, o estrangulamento externo deixa de ser um problema, pois os ciclos passam a ser endógenos, dependentes da própria dinâmica industrial. E por fim, o Plano de Metas teria implementado o setor de bens de capital em um único salto, permitindo realizar a valorização do capital sem obstáculos.

A autodeterminação do capital, ou seja, o pleno desenvolvimento do capitalismo ocorre, no caso brasileiro, segundo Mello (1982, p.95-99) no período entre 1956 e 1961, no qual haveria uma “onda de inovações schumpeteriana”, em que a estrutura produtiva se alterou fortemente, com salto tecnológico profundo, e a capacidade produtiva se expandiu à frente da demanda:

Há, portanto, um novo padrão de acumulação, que demarca uma nova fase, e as características da expansão delineiam um processo de industrialização pesada, porque esse tipo de desenvolvimento implicou um crescimento acelerado da capacidade produtiva do setor de bens de produção e do setor de bens duráveis de consumo antes de qualquer expansão previsível de seus mercados (ibid, p.95)



Capitalismo Tardio Como Interpretação Para O Desenvolvimento Capitalista Na Periferia – André Bologna de Castro Cardoso

Até esse período, a economia brasileira se caracterizava como industrialização restringida, pois não havia sido implementado o departamento de bens de produção, fazendo com que a economia fosse dependente da capacidade de importar gerada pelo setor exportador, colocando limites ao próprio desenvolvimento industrial (Mello, 2009, p.90). Segundo explicação de Fonseca e Salomão (2017, p.97), antes desse período, a industrialização estava restringida pelo departamento de bens de consumo. A capacidade de importar colocava restrições à economia, pois o país dependeria do cenário internacional para elevar as exportações e aumentar a capacidade de importar máquinas e equipamentos.

Wilson Cano, outro importante autor dessa corrente, corrobora essa visão:

A partir da ruptura e do enfrentamento da crise de 1929 até meados da década de 1950, a acelerada industrialização que se manifesta na maioria dos países da região é constituída basicamente de bens de consumo e de uma incipiente gama de bens de produção. Por isso alguns autores a denominam de *industrialização restringida*. Restringida, pois ainda não se completou a montagem de suas bases técnicas e, assim, é ainda fortemente dependente das divisas, do mercado e do excedente gerado pelo setor primário *exportador*. [itálicos do autor] (Cano, 2012, 118)

Foi com o bloco massivo de investimentos realizados no governo Juscelino Kubitschek que a capacidade de crescimento se eleva diante da demanda preexistente. Como explica Mello (2009, p.95), é a instalação de um setor autônomo – de bens de capital – e de bens de consumo capitalistas, em conjunto com os investimentos do Estado, permita gerar demanda dentro desses próprios setores, de modo que o setor de bens de consumo cresceu a reboque desses dois setores⁶. Consequentemente: “*A industrialização chegara ao fim e a autodeterminação do capital estava, doravante, assegurada. Pouco importava que não tivesse se mostrado capaz de realizar as promessas que, miticamente, lhe haviam atribuído*” (ibid, p.99)

⁶ Na linguagem do esquema tridepartamental de reprodução, a instalação autônoma (isto é, não induzida pela demanda) dos setores de ponta de departamento de bens de produção (D_I) e do setor pesado do departamento de bens de consumo capitalista (D_{III}), acompanhada e amparada pelo investimento público (energia, transportes etc.), gerava demanda dentro da própria fração já existente do departamento de bens de produção, operando-se mecanismos de reforço e de retroalimentação, na medida em que o processo avançava. As indústrias integrantes do departamento de bens de consumo para assalariados foram levadas literalmente a reboque do crescimento rápido dos departamentos I e III.



Capitalismo Tardio Como Interpretação Para O Desenvolvimento Capitalista Na Periferia – André Bologna de Castro Cardoso

Essa abordagem demonstra que o problema fundamental do capitalismo periférico é a constituição de um departamento de bens de produção e de capital, fundamentais para a autodeterminação do capital. Por isso, a questão da dependência externa, concretizada na discussão sobre a penetração do capital internacional, é relevante dentro do capitalismo tardio.

Desenvolvimento e dependência dentro do Capitalismo Tardio

Esse novo enfoque abandona qualquer relação negativa entre dependência e desenvolvimento econômico. O problema fundamental do capitalismo tardio é a implementação do setor de bens de capital na economia, de modo que pouco importa se o capital é estrangeiro ou nacional. Sampaio Júnior (1999, p.46), novamente em contexto crítico, argumenta que essa ideia abandona e esvazia a questão nacional, no sentido de que o controle das forças produtivas serem nacionais ou não pouco importa, desde que elas estejam plenamente desenvolvidas:

A impotência da burguesia dependente para tomar iniciativas no plano econômico deixou de ser um obstáculo ao avanço do desenvolvimento nacional, pois intervenção do Estado e participação do capital estrangeiro no esforço de industrialização suprimiriam todas as deficiências intrínsecas à base empresarial do capitalismo tardio. A ênfase na necessidade de o processo produtivo ficar sob controle das classes nativas, como único meio de subordinar o processo de acumulação a uma dinâmica de concorrência ancorada no espaço econômico nacional, foi, assim, substituída pela sacralização do tripé capital nacional, capital estrangeiro e Estado como única fórmula de impulsionar a industrialização pesada” (ibid)

A empresa multinacional, dentro dessa visão, não subordina a lógica da economia nacional, mas é subordinada por ela, de forma que suas decisões com o intuito de valorizar de capital estão aprisionadas dentro do espaço nacional:

A ideia de que o capital penetrante possa impor soberanamente suas decisões é muito duvidosa. Nenhuma filial comanda as decisões de transformação de seus lucros internos – obtidos no espaço nacional – em equivalente geral no mercado internacional. As condições necessárias para as remessas de lucros, utilidades etc., passam pela forma e movimento de articulação entre economia nacional e o sistema internacional (...). A longo prazo, sua trajetória como capital está



Capitalismo Tardio Como Interpretação Para O Desenvolvimento Capitalista Na Periferia – André Bologna de Castro Cardoso

subordinada ao dinamismo e às especificidades do capitalismo existente naquele país (Lessa e Dain, 1982, p.219)

Inclusive, o capital internacional cumpre um papel decisivo para resolver os problemas de mobilização de capital para investir nos setores de bens de capital, e de capacidade de importar (Mello, 2009, p.93). Dessa forma, quando as empresas estrangeiras adentraram no Brasil, em meados dos anos 1960, esses problemas foram resolvidos:

Encontrando um esquema de acumulação bastante bem definido em que se apoiar e gozando de amplos incentivos, a grande empresa oligopólitica estrangeira, predominantemente, a europeia, decidiu investir no Brasil. Resolviam-se, simultaneamente, dois graves problemas: o da estreiteza da capacidade para importar, que ela própria criava ao exportar capital, e o de mobilização e concentração de capitais, pois que suas transferências para aqui eram marginais em termos dos blocos de capitais manejados pelas matrizes (ibid, p.96)

A dependência das empresas multinacionais passa a ser muito mais técnica, no sentido de eliminar as descontinuidades técnicas, ou melhor, a dificuldade de se incorporar tecnologia de ponta no processo produtivo, por isso, as empresas estrangeiras ganham um papel importante dentro desse movimento de desenvolvimento capitalista nos países periféricos, de modo que as possibilidades de crescimento e expansão econômica estão determinadas por essa solidariedade com o capital externo (Hadler, 2012, p.103). A associação entre capital estrangeiro e economia nacional, dentro da ideia do capitalismo tardio, não é um problema, mas antes uma solução para resolver as dificuldades internas em termos de absorção da capacidade tecnológica.

Uma vez que tais descontinuidades não poderiam ser ultrapassadas pelo mero desdobramento do processo de acumulação de capital, conclui-se que a internalização da indústria de bens de capital, momento crucial da revolução industrial, exigia uma “associação” virtuosa entre capital nacional, capital estrangeiro e Estado. Onde o caráter providencial do processo de internacionalização dos mercados internos (Sampaio Júnior, 1999, p.45-46)

Cardoso e Faletto (2011) procuram dar um novo significado para as relações externas, de modo que as novas formas de relação são diferentes daquelas do período agrário-exportador, inclusive, porque, agora predominam os investimentos diretos dos países centrais sobre os periféricos.



Capitalismo Tardio Como Interpretação Para O Desenvolvimento Capitalista Na Periferia – André Bologna de Castro Cardoso

Isso é corroborado pelas análises sobre o financiamento externo da América Latina que mostram que os investimentos estrangeiros se orientam em forma crescente para o setor manufatureiro, e indicam que esse fluxo se expressa através de investimentos privados (e entre estes os “diretos” têm predomínio absoluto sobre os de carteira) e por intermédio de um grupo reduzido de empresas (Ibid, p.162)

Essa dinâmica, ainda segundo os próprios autores, permitiria estender o desenvolvimento econômico e ao mesmo tempo redefinir as relações de dependência:

A novidade na hipótese não está no reconhecimento da existência de uma dominação externa – processo óbvio – mas na caracterização da forma que ela assume e dos efeitos distintos, com referência às situações passadas, desse tipo de relação dependência sobre as classes e o Estado. Salientamos que a situação atual de desenvolvimento dependente não só supera a oposição tradicional entre os termos *desenvolvimento e dependência*, permitindo incrementar o desenvolvimento e manter, redefinindo-os, os laços de dependência, como se apoia politicamente em um sistema de alianças distinto daquele que no passado assegurava a hegemonia externa (Cardoso e Faletto, 2011, p.162)

Como aponta Tavares⁷ (1981, p.42 apud Sampaio Júnior, 1999), as empresas multinacionais tomam suas decisões de instalarem filiais em determinados países levando em conta as estruturas de acumulação de capital, as políticas adotadas em termos de proteção, sempre se adaptando à situação vigente. Dessa forma, ainda que essas empresas possam alterar as condições econômicas internas, elas só o fazem dentro da estrutura de coordenação com o capital nacional e gerida pelo Estado nacional:

Ao mesmo tempo, e por sua própria dinâmica operacional, modificam desde dentro essas condições, mas apenas à medida que seus objetivos, simples e aparentemente “racionalis” de expansão, estejam coordenados ou, pelo menos, não sejam antagônicos aos interesses das outras frações de capital local, a quem compete organizar o pacto de dominação que sustenta o Estado nacional (Tavares, 1981, apud Sampaio Júnior, 1999, p.48)

A relação entre esses três agentes – capital internacional, capital nacional e Estado nacional – ganha contornos de solidariedade e simbiose. Nos anos 1950 e começo dos 1960, Serra (1982) aponta nesse tripé havia uma ótima simbiose entre as três partes.

⁷ TAVARES, Maria da Conceição. Problemas de industrialización avanzada em capitalismo tardios y periféricos. Economía de América Latina. Revista de Información y Análisis de la Región, México, n.6, s.p, 1981.



Capitalismo Tardio Como Interpretação Para O Desenvolvimento Capitalista Na Periferia – André Bologna de Castro Cardoso

Mesmo a parte mais frágil, a empresa nacional, recebia proteção governamental para se expandir, enquanto que se beneficiavam da demanda das empresas multinacionais. Pode-se dizer que havia uma divisão interna de trabalho, em que o capital internacional se concentrava na indústria, principalmente, bens de capital, e o segmento nacional em setores não-indústrias, nos quais as empresas multinacionais não poderiam investir (Lessa e Dain, 1982, p.221)

Essa forma de industrialização, ao invés de prejudicar o segmento nacional, o incentivou. Mesmo nos setores industriais, o capital nacional se expandiu, principalmente, na metal-mecânica, cuja demanda era derivada das empresas internacional, como as do setor automobilístico (Mello, 1982, p.97). Inclusive, a própria fraqueza política e econômica fez com que a empresa nacional preferia a entrada do capital internacional e a atuação do Estado como gestor e empresário – em alguns setores (ibid).

Dentro desse contexto, o Estado nacional ganha um papel decisivo: a coordenação dessa relação entre capital internacional e capital nacional. O bom funcionamento desse tripé só foi/ou é possível em decorrência da existência de um Estado nacional coordenando a divisão interna e evitando que um segmento adentrasse no outro, provocando uma rivalidade desnecessária.

A existência do pacto exige algo do Estado: que seja seu gestor. E acreditamos que essa é a especificidade do Estado em nosso continente, pelo menos no caso brasileiro. A função do gestor do pacto é fundamental para a reprodução do pacto do capitalismo associado e a manutenção da “sagrada aliança”. Se a competição intercapitalista operasse sem o imprescindível desempenho do Estado como gestor, o capital industrial tenderia a fazer um movimento para a instalação do capitalismo financeiro (Lessa e Dain, 1982, p.222)

Essa última afirmação é interessante. Conforme podemos interpretar, sem o Estado como coordenador desse pacto entre os capitais, é muito provável que o capital internacional adentrasse na esfera do capital nacional e constituísse o chamado Capital Financeiro, em que o setor bancário (tipicamente nacional) se fundiria com o capital industrial (predominantemente internacional, principalmente, no chamado D_I), de modo que não haveria qualquer simbiose nem mesmo pacto, mas sim uma possível subordinação da economia nacional ao capital estrangeiro.



Capitalismo Tardio Como Interpretação Para O Desenvolvimento Capitalista Na Periferia – André Bologna de Castro Cardoso

Por isso, um dos pressupostos dessa visão benigna do capital internacional subordinado à dinâmica interna é a visão de Estado nacional soberano ou plenamente constituído. Como exemplo para demonstrar que, por exemplo, o Estado brasileiro era, em meados dos anos 1920 – entrada das primeiras filiais industriais no Brasil, segundo essa visão - soberano, Lessa e Dain (1982, p.220-221) é a política de valorização internacional do preço do café. Isso porque, o Estado brasileiro conseguiu, através de sua ação ativa, impor preços mais elevados ao café do que aquele que o mercado mundial estava disposto a pagar. Dessa forma, esses autores concluem que um pré-requisito para entrada de capital estrangeiro é Estado nacional consolidado, soberano:

O ponto que queremos sublinhar é a presença de um Estado nacional sólido como regulador de capitais nacionais na época da instauração do primeiro conjunto de filiais industriais. E queremos dizer que essa entidade – o Estado nacional consolidado – é uma pré-condição para a penetração das filiais (ibid, p.221)

Essa interpretação condiz com a análise de Cardoso e Faletto (2011, p.172), segundo a qual o Estado teria cumprido um papel muito além do jurídico e institucional, mas como um conciliador e organizador dos interesses de classe:

O novo setor econômico, em que preponderam as empresas monopolísticas internacionalizadas e o setor financeiro que surge vinculado ao mercado interno, procura exercer influência fundamental sobre as decisões nacionais. Esse propósito não é conseguido sem oposições, luta entre facções das mesmas ou distintas em jogo etc. Além disso, o grau de importância que o setor público pode adquirir na economia desempenha um papel significativa em cada país que alcançou a forma de desenvolvimento em questão e possibilita ao Estado distintas margens de manobra na definição das novas alianças de manutenção do poder (ibid)

Ao Estado, ressalta-se, não cabe apenas o papel de gestor do pacto, mas também na ação direta, principalmente, no investimento público e criação de empresas estatais em segmentos importantes, como na indústria pesada – infraestrutura e indústrias de base – permitindo fomentar o investimento privado ao gerar demanda e reduzir seus custos (Mello, 1982, p.96).

Dentro dessa visão, portanto, desde que o Estado seja autônomo e esteja disposto a realizar o papel de gestor do pacto entre os capitais, a entrada de capitais internacionais



Capitalismo Tardio Como Interpretação Para O Desenvolvimento Capitalista Na Periferia – André Bologna de Castro Cardoso

não é um problema, mas um elemento decisivo para a realização da autodeterminação do capital.

Esse ponto é fundamental: a autodeterminação do capital e o desenvolvimento capitalista não garantem e nem objetivam, por si mesmos, resolver questões sociais, como desigualdade social. Dentro dessa ideia, o desenvolvimento do capitalismo não será feito através da resolução dos problemas sociais, ainda que seria ideal se o fizesse, pois o fundamental é a instalação de um departamento de bens de capital, de modo a tornar o movimento de valorização do capital endógeno à economia nacional. Sampaio Júnior (1999, p.50) sempre crítico a essa visão mostra que:

Considerado mero resíduo da sociedade colonial, a superpopulação excedente marginalizada do mercado de trabalho torna-se um problema desvinculado dos determinantes do desenvolvimento econômico. Em consequência, o combate à pobreza absoluta passa a ser encarado como uma questão moral, associada à necessidade de erradicar os anacronismos sociais. O suposto é que a superexploração da força de trabalho não teria nenhuma funcionalidade para a continuidade do padrão de acumulação.

Maria da Conceição Tavares e José Serra, no ensaio Além da Estagnação, reforçam esse argumento de que as questões sociais não impõem dificuldades para a dinâmica do capitalismo:

Marginalidade, desemprego estrutural, infraconsumo, entre outros, não constituem em si mesmos, nem necessariamente, problemas fundamentais para a dinâmica econômica capitalista, ao contrário do que ocorre, por exemplo, com problemas referentes à absorção de poupanças, oportunidades de investimento e e. (Tavares e Serra, 1978, p.157)

A desigualdade social, por exemplo, não aparece como um impeditivo para a autodeterminação do capital:

O processo capitalista no Brasil, em especial, embora se desenvolva de modo crescentemente desigual, incorporando e excluindo setores da população e estratos econômicos, levando a aprofundar uma série de diferenças relacionadas com o consumo e produtividade, conseguiu estabelecer um esquema que permite autogerar fontes internas de estímulo e expansão que lhe conferem dinamismo (Tavares e Serra, 1978, p.158)



Capitalismo Tardio Como Interpretação Para O Desenvolvimento Capitalista Na Periferia – André Bologna de Castro Cardoso

Dentro da análise do capitalismo tardio, portanto, a variável fundamental para compreender o desenvolvimento de países periféricos, como o Brasil, é a questão da constituição de um departamento de bens de capital, permitindo a autodeterminação do capital. Questão nacional e os problemas sociais são deixados em segundo plano, no sentido de que não são condições necessárias para o desenvolvimento capitalista, ainda que sejam aspectos relevantes para um desenvolvimento mais adequado. Como Sampaio Júnior coloca em sua crítica, essa noção de capitalismo tardio coloca o desenvolvimento como problema de acumulação de capital:

Abandonadas as preocupações com os determinantes do processo de realização dinâmica, os dilemas do desenvolvimento foram reduzidos à formação bruta de capital. Assim, redefinida como problemática da industrialização capitalista retardatária, os desafios da industrialização nacional converteram-se em uma questão de acumulação de capital (...) a problemática do desenvolvimento confundiu-se com a discussão sobre crescimento econômico (Sampaio Júnior, 1999, p.53)

Em nossa interpretação, amparada na afirmação anterior – ainda que em tom crítico -, a noção de capitalismo tardio é que o desenvolvimento econômico está intimamente relacionado com crescimento econômico, ou seja, com aumento de investimentos, principalmente, em bens de capital. Como consequência desse crescimento econômico, desde que haja forte alianças de classes, seria possível, então, resolver os problemas sociais, como a forte desigualdade social, por meio de políticas institucionalizadas.

A crise, por exemplo, dos anos 1960 no Brasil está associada mais com redução dos investimentos públicos e privados do que qualquer problema de estagnação secular, decorrente da estrutura de renda, tal como apontada por Celso Furtado.

No período 1955-1960 parece ter crescido a relação produto-capital na indústria. Entre 1960-1963 – quando se configura o declínio das taxas de crescimento – não há nenhuma evidência sobre seu comportamento. Parece, no entanto, que a contração da taxa de investimento foi o elemento decisivo na crise econômica (Tavares e Serra, 1978, p.169-170)

Dessa forma, tanto a redução do investimento público quanto as políticas de controle sobre o investimento estrangeiro foram causas para retração das decisões de investimento:



Capitalismo Tardio Como Interpretação Para O Desenvolvimento Capitalista Na Periferia – André Bologna de Castro Cardoso

A redução do investimento público e o ataque direto ao capital estrangeiro (lei de restrição e controle das remessas de lucro) detiveram os planos de investimento nos setores mais dinâmicos, bem como novos setores visados pelas corporações multinacionais (...) eliminando-se, desse modo, componentes autônomos que poderiam ter contrabalançado os efeitos da crise de demanda corrente na economia (Tavares e Serra, 1978, p.170)

Momentos de expansão e contração da atividade econômica, dentro dessa lógica, estão associadas ao movimento autônomo das decisões de investimento. Quando as condições são favoráveis ao investimento, como no período JK, em que houve movimento propício para entrada das empresas estrangeiras e elevação do investimento público gestaram condições para maior investimentos e acumulação de capital. Quando esses movimentos são afetados e a perspectiva de lucros é reduzida, então, os investimentos se contraem, levando à crise. Nota-se, assim, que os movimentos cíclicos da economia, assim como o desenvolvimento econômico, estão relacionados com ondas de investimentos, principalmente, em setores dinâmicos.

Conclusão

Buscamos apresentar esse texto a noção de Capitalismo Tardio como uma interpretação do desenvolvimento econômico na periferia. Essa forma de análise transporta a problemática do desenvolvimento da relação centro-periferia, tal como exposto pela CEPAL, para o desenvolvimento de forças tipicamente capitalistas, ou seja, para constituição de um departamento de bens de produção.

Ainda que o processo de substituição de importação, tal como defendido pela CEPAL, tivesse tido um papel importante na constituição da industrialização dos países periféricos, a partir de seu esgotamento (seu auge), era necessário pensar uma nova forma de desenvolvimento econômico. A noção de Capitalismo Tardio, segundo o qual o capitalismo na periferia era específico e o problema estava na constituição de um departamento de bens de produção, começou a ser desenvolvida, principalmente, com o trabalho homônimo de João Manuel Cardoso de Mello.

Dentro desse arcabouço, o capitalismo, no Brasil, teria encontrado seu pleno desenvolvimento – com a autodeterminação do capital – no governo JK, através de uma



Capitalismo Tardio Como Interpretação Para O Desenvolvimento Capitalista Na Periferia – André Bologna de Castro Cardoso

onda massiva de investimentos, além da entrada de empresas estrangeiras no país. Dessa forma, retirou-se da noção de desenvolvimento a questão da nação e problemas sociais como elementos fundamentais para o desenvolvimento, colocando-os mais como consequência.

Segundo nossa interpretação, essa visão está muito associada à uma perspectiva keynesiana, de que o investimento – fundamentalmente, em bens de capital – é elemento decisivo para as economias capitalistas. A aliança entre os diversos setores – capital internacional, capital nacional – sob comando do Estado seria, dentro dessa interpretação, forma importante de se desenvolverem forças produtivas capitalistas necessárias para a acumulação do capital. As questões sociais seriam resolvidas a reboque. O fundamental é promover o crescimento econômico e autodeterminação do capital.

Por isso o arcabouço do capitalismo tardio é sujeito a muitas críticas. Uma das críticas lideradas por Plínio de Arruda Sampaio (Sampaio Júnior, 1999) é a de justamente deixar de lado os problemas sociais como obstáculos ao desenvolvimento, assim como a questão da dependência, tal como discutido por vários outros autores como Celso Furtado, Caio Prado Júnior, Ruy Mauro Marini e etc.

Dessa forma, capitalismo tardio pode ser considerado uma forma de interpretar o desenvolvimento econômico em países periféricos, especialmente o Brasil. Contudo, é preciso pensar se essa continua a ser uma explicação adequada para desenvolvimento de países periféricos não só em termos históricos, mas pensando no futuro.

Diante da Quarta Revolução Industrial somente o desenvolvimento das forças capitalistas para adentrar nessa nova etapa do modo de produção capitalista é suficiente para garantir desenvolvimento econômico, como prevê a ideia de Capitalismo Tardio, ou outras questões devem ser levadas em consideração? Será que a simples acumulação de capital no setor industrial ou sua modernização são condições suficientes para o desenvolvimento econômico ou será que se deve levar em conta a questão nacional e os problemas da incorporação técnica sobre a população também devem ser levados em consideração, como colocava Celso Furtado? A construção e a ampliação desse debate se faz cada vez mais urgente para tentar resolver essas perguntas.



Capitalismo Tardio Como Interpretação Para O Desenvolvimento Capitalista Na Periferia – André Bologna de Castro Cardoso

Bibliografia

- AVANCI, Vanessa de Lima. Limites do processo de substituição de importações na promoção do desenvolvimento. Anais do XI Congresso de História Econômica e 12^o Conferência Internacional de História das Empresas. 2015.
- BELLUZZO, Luiz Gonzaga de Mello. Prefácio à primeira edição. IN: MELLO, João Manuel Cardoso. Capitalismo Tardio. São Paulo: Editora Unesp; Campinas, SP: Facamp, 2009.
- CANO, Wilson. Crise de 1929: soberania na política econômica e industrialização. IN: PRADO, Luiz Carlos Delorme (org). Desenvolvimento econômico e crise: Ensaio em comemoração aos 80 anos de Maria da Conceição Tavares. Rio de Janeiro: Editora Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado, 2012.
- CARDOSO, Fernando Henrique; FALETTO, Enzo. Desenvolvimento e dependência: ensaio sobre interpretação sociológica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 10 ed, 2011.
- FONSECA, Pedro Cezar Dutra; SALOMÃO, Ivan Colangelo. Industrialização brasileira: notas sobre debate historiográfico. Revista Tempo, Vol. 23 n. 1, Jan./Abr. 2017.
- HADLER, João Paulo de Toledo Camargo. Dependência e subdesenvolvimento: A transnacionalização do capital e a crise do desenvolvimento nacional em Celso Furtado. São Paulo: Alameda, 2012.
- LESSA, Carlos; DAIN, Sulamis. Capitalismo Associado: algumas referências para o Tema Estado e desenvolvimento. IN: COUTINHO, Renata; BELLUZZO, Luiz Gonzaga de Mello. Desenvolvimento Capitalista no Brasil: Ensaio sobre a crise. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- MELLO, João Manuel Cardoso de. O Capitalismo Tardio. São Paulo: Editora Unesp; Campinas, SP: Facamp, 2009.
- PERES, André Bertelli. A constituição do Estado capitalista tardio: análise da interpretação do capitalismo tardio sobre a constituição do Estado capitalista no Brasil. Leituras de Economia Política, Campinas, (15): 63-96, jan./dez. 2009.
- SAMPAIO JÚNIOR, Plínio de Arruda. Entre a nação e a barbárie: os dilemas do capitalismo dependente. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1999.
- SERRA, José. Ciclos e Mudanças estruturais na economia brasileira do Pós-Guerra. IN: COUTINHO, Renata; BELLUZZO, Luiz Gonzaga de Mello. Desenvolvimento Capitalista no Brasil: Ensaio sobre a crise. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- TAVARES, Maria da Conceição. Da Substituição de importações ao capitalismo financeiro: Ensaio sobre economia brasileira. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1978.



**Capitalismo Tardio Como Interpretação Para O Desenvolvimento Capitalista Na
Periferia – André Bologna de Castro Cardoso**

_____ ; SERRA, José. Além da Estagnação. IN:
TAVARES, Maria da Conceição. Da Substituição de importações ao capitalismo
financeiro: Ensaio sobre economia brasileira. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1978